

O POVO

ORGÃO — NEUTRAL — DOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA.

Assignaturas

PER UM MEZ..... 1\$000

Lei, Progresso, Liberdade.

Publicação

Uma vez por semana

Redactor e Editor—responsavel—J. M. Velasco.

O POVO

Que nos não leve á mal o povo se, deixando de parte assumptos de interesse geral, vimos hoje fallar-lhe de nós.

Circumstancias especiaes, que é mistério que todos conheçam, nos forçam á tanto, em contrario a nossa vontade e ao proposito que nos haviamos imposto ao crear *O Povo*.

Dicemos que vimos fallar de nós

Talvez não tenhamos sido exactos,—não o fomos,—porque vimos fallar do Povo e do seu redactor—e, em que pése aos intrigantes de palacio, aos fabricantes, de opinião publica—para o Ministerio ou para os leitores do Jornal do Commercio da Corte.—O Povo não é a voz de um homem, é o orgão de uma população inteira que o recebo de braços abertos, que se tornou fanatica por elle, que o lê soffrega e entusasta, que o ama e apregêa o seu amor por elle,—que sustenta o como o udi-nhino e com a sua palavra,—que deo-lhe emfim esse apoio, que faz a raiva e o desespero de nossos inimigos,—apoio que nunca obteve na provincia jornal algum antes d'elle ! . . .

O Povo não é a opinião de um homem,—é a opinião publica,—são de toda a Provincia, que toda ainda não o conhece talvez, ao menos da Capital da Provincia ! . .

Haahi quem ouse desmentir-nos ?

Desafiemo-lo a que o faça.

Diz-nos hão, talvez os vis *peridões de caracteres*, os ébrios e devassos *professores de moral*, que não nos compêto a nós o direito de proclamar estas verdades.

Deus nos é testemunha de que ao precedermos assim, não nos movem mesquinhos impetores de mesquinha vaidade.

Inspira-nos um sentimento nobre—o reconhecimento,—uma reconhecimento profundo e immortredouro ao povo que nos aceitou como eramos e nos offereciamos e nos pagou com a sua confiança, consideração e amor, nossos labores e soffrimentos—por elle.

Inspira-nos ainda a necessidade urgente—de oppôrmos—averdado á calumnia, Deus á Satanaz, e atirar de uma vez para sempre entre nós e os que buscam saltar-nos nas trevas,—uma barreira—que a sua rancorosa e perversa actividade não possa jamais transpôr.

E' que é preciso que os nossos inimigos se curvem diante do facto—esmagador que aqui registramos e que é a sua condemnação, ao tempo que é a demonstração indiscutivel da justiça da causa que adoptamos, da honradez e sinceridade com que a temos advogado—e sobretudo—de que eramos e ainda somos digno de advoga-la.

Escolhe-mos sempre—em face de Deus e da nossa honra—o protestamos.

Erga-se embora contra nós a calumnia infame e torpe; faça do anonymo e do papel *officiaes* a tripode infernal de onde nos lance os bôtes venenosos;—nós a desprezamos—e esmagaremos hoje, como a esmagamos hontem e esmagaremos sempre que encontrarmos-lhe a viperina e boça sob o calcanhar.

E nem as intrigas dos *habitués* de palacio, que nos applaudem em rosto e nos tãtem nas anto-salas

do *Capitão-mór*; nem as baixas *ofertas* dos corruptores de consciencias; nem o punhal traidor e cobarde do sicario á ameaçar-nos na sombra; nem as tenebrosas emboscadas do calumniador infame que não podendo investir-nos de frente, consciente que é da propria degradação, deixa a mascara em nossas mãos—o busca matar-nos pelas costas;—nada nos fará recuar na luta,—nada conseguirá arredar-nos uma linha sequer da estrada que nos traçamos e abrimos á todos, do norte que visamos alem e para o qual caminhamos sempre—altivo e inabalavel.

Perdõem-nos esta explosão da mais justa das indignações de que se possa sentir apessada uma alma sincera e briosa, a alma de um homem de bem.

Muitos não a terão talvez comprehendido—ignorando-lhe a causa.

Em poucas palavras vamos dar-lhes a chave do enigma:

Somos caluniados.

Sim,—caluniados infamemente, por aquelles mesmos á quem movemos guerra, embora, mas franca e leal, á luz da verdade e da justiça, em nome da patria e da sociedade; em face de Deus e dos homens.

E é esta historia, a historia d'esta luta asperissima, em que um dos contendores—apresenta-se á peito descoberto, apoiado na sua consciencia e na consciencia publica, e os outros recuam,—leando, para assaltar o seu inimigo *á Noite*,—que vimos contar ao povo a quem ella interessa tanto quasi como á nós.

Já não—hoje, porem, que fallamos de nos o espaço—

No proximo numero.

J. M. Velasco.

Echos da Siberia

Ao Publico e á S. Ex. o Senr. Presidente da Provincia.

Temos recebido—avisos—de que, de ha tempos para cá, a nossa casa, quer dizer, a casa do Redactor do *Povo*—é guardada á vista, até certas horas da noite, por um *culto*, que costuma fazer esta bizarra *estação* perfeitamente embuçado e,—o que mais é, de mascara no rosto!..

Não dizemos que o caso seja—original:—que é, porem, romantico, isso é.

Desejamos conhecer a opinião de S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia á respeito.

Quanto á do povo, nós já a conhecemos:—é a nossa.

Cousa exquisita,—não perguntamos pela opinião do individuo que actualmente exerce o cargo de Chefe de Policia da Provincia, bacharel Milciades Augusto de Azevedo Pedra.

Fique porem sabendo o homem do *tino* e da *perspicacia*, que, se por ventura—hoje, amanhã ou mais tarde, o Redactor do *Povo*—cahir *esfaqueado* ao dobrar de uma esquina, ou mesmo ao chegar á janella ou á porta de sua casa,—o povo inteiro d'esta provincia—*uma voz*—apregoará o nome do *cobarde assassino*.

Depois da calumnia de infernal saltador de honras, o punhal do nocturno bandido de ruas!

Que miseria!..

Pela Provincia de Matto-Grosso de 13 do corrente, soubamos que, devido á providencias de S. Ex. o Sr. Presidente, o serviço postal para o exterior da Provincia (via fluvial) acha-se melhorado, pois temos já communicações directas com os diversos pontos (ou os principaes) em que tocam os paquetes da linha de navegação entre esta Capital e o do imperio.

É um beneficio que, fornecendo-nos prova de que esse ramo do serviço publico, tão rudementar entre nós, tem merecido a attenção de S. Ex., nos anima á pedir outros de maior monta, de mais urgente necessidade, de mais proveitosos resultados e de mais

facil realisação, muito mais facil. Pedimos a criação de malas para as Freguezias da Guia, Brotas, Livramento, Chapada e Santo Antonio.

Para as trez primeiras, a condução das respectivas malas não acarretará, nos parece, despeza alguma aos cofres publicos:—ella pode ser feita pelos portadores das para o Rosario e Poconé, e isto sem apreciavel desvio ou retardamento,—porquanto, Guia e Brotas estão no caminho d'esta cidade para a do Rosario,—e Livramento nã d'esta cidade para a do Poconé.

Quanto ás malas para a Chapada e Santo Antonio, o lucro a tirar com a sua criação, cremos que excederá de muito aos dispendios á fazer com o seu transporte.

Qualquer um d'esses lugares está em condições de n'elle manter-se, com interesse para a Fazenda publica, as necessarias agencias postaes,—que de algum modo (em que estado de atraso nos encontramos!) concorrerão para dar-lhes mais vida e importancia.

Lustamos com S. Ex. para que tome em consideração o nosso pedido e no-lo satisfaça—se o acreditar exequivel e justo.

N'elle, como em tudo, somos apenas um orgão, o mais humilde orgão, do povo da provincia.

Começamos á esperar.

Somos informados de que a parede dos fundos de uma das casas do extinto Arsenal de marinha, a que dá fundos para a Travessa da Marinha, —apezar das escóras que lhe pizeram, está cada vez mais ameaçada de vir abaixo, com grave risco dos transeuntes e das casas da mesma Travessa, que serão necessariamente esmagadas.

Como eremos ser este justamente um caso de intervenção obrigada da Illustrissima Camara Municipal,—pedimos-lhe providencias.

E por fallar em competencias da Illustrissima:—diz-se por ali que o Sr. Elisario Antonio de Souza fora demittido do cargo de Fiscal da mesma por mera questão politica:—o Sr. Elisario

é liberal e o actual Presidente da Camara é conservador.

Estamos habilitados para affirmar que esse boato é puramente uma—mentira.

O Sr. Elisario teve a honra de ser o primeiro martyr dos sonhos hygienicos do Vereador Pedrosa.

A questão começou por um gato morto e acabou... como todos sabem.

O sr. Antonio Maria tem uma serie de officios sobre o magno assumpto, que mostra á quem quer ver, e que provam que o sr. Elisario, que em um delles é classificado de—remisso—foi demittido á bem da *hygiene colonial*, demissão essa que a nosso ver, importa uma injustiça e uma ingratidão da parte do Vereador Pedrosa.

Foi o sr. Elisario quem fez a plantação das estacas de cedro, em que S. Ex. se revê todas as manhãs, através das quaes deslisa todas as tardes, e que, como dizem, são um dos fiordes de gloria do seu *fertil capitanado*.

Tão depressa o esqueceo pois S. Ex.?!?

É que—*«tempora mutantur et nos mutamur a billo»*—como dizia o defuncto Ouvidor (Ouvidor ou sargento mór) Balbino, de asnatia memoria,—um dos protegidos de S. Ex., de quem era o braço esquerdo.

Fique pois entendido que os responsaveis pela demissão do sr. Elisario são em primeiro lugar o tal gato e logo abaixo d'elle S. Ex. o sr. dr. Pedrosa—o Vereador.

Perguntem-não ao Presidente da Camara e saberão das cousas por melhores.

Em no-so numero passado promettimos entrar na indagação do que havia de *hygienico* ou *anti hygienico* em a mutança do corpo Policial da casa em que estava aquartelado para o edificio da Cadea Publica.

O primeiro e suadito das nossas pesquisas apresntamo-lo hoje na transcrição abaixo.

É a opinião do orgão do partido liberal á respeito—em 7 de Dezembro de 1876 e em 6 de Abril de 1877.

Verão que as circumstancias são as mesmas—o Liberal tanto se lembra d'isso, que limita-se hoje a

dara noticia da mudança de agora, sem emittir ja' so algum sobreella, necessariamente por que se *reporta* (é termo official aqui e em França) ao pronunciado n'aquella epocha (é a tal em que o individuo Pedra, para estar mais á vontade, enxotou o Corpo Policial para a Cadea, a Secretaria de Policia do sobrado para o andar terreo, tomou a conta do sobrado, que declarou *bona preza*, em detrimento dos cofres publicos—ou do bolso do proprietario da casa, não sabemos ao certo.)

Ahi vão, por em quanto, duas noticiasinhas apenas.—

«CORPO POLICIAL.—Consta-nos que o quartel do corpo policial, que se achava no centro populoso desta cidade foi transferido para a casa da cadeia, que se acha a distancia de onde não é possível obter-se prompto soccorro da policia. Ignoramos as razões de conveniencia publica que actuação para uma tal deliberação por parte do exm.^a presidente da provincia e o dr. chefe de policia, e por isso limitamo-nos por enquanto á declarar que nos parece altamente inconveniente essa mudança de aquartelamento para uma das extremidades da cidade. Aguardamos os factos consequentes.»

«POLICIA.—Consta-nos que vai regressar o corpo policial para o seu antigo quartel.

Julgamos essa providencia muito acertada.»

POR DISTRAÇÃO

His-nos de novo, senhor doutour, e com a devida venia á vossa senhoria, vamos continuar a palestra interrompida.

Antes de mais porem, damos ao doutour a auspiciosa noticia de que nota-se por ahi um leantifico prurido de compaixão por vossa senhoria: damos-lhe os parabens.

O individuo Pedra começa á inspirar compaixão aos *beatos* do velho testamentto!... E deve-o a nós!...

Isto não é qualquer coisa, senhor doutour!

Se vossa senhoria fizesse a feliz lembrança de atravessar o Styge n'esta quadra bonancosa, é possível que o canonissem.

É possível, nós lh'o garantimos, senhor doutour: e não tem de que admirar-se.

Mais de dez seculares, verdadeiras calamidades sociaes, conhecemos, cujos nomes, se não figuram nas pagi-

nas do *Flos Saactorum*, é porque são fructos e não flores de santos, quer dizer, são ma's modernos que aquelle catalogo explicado dos habitantes do céo.

Quem sabe se mediante uma subscripçãozinha á proposito arranjada, e á cujo producto, por descargo de consciencia, o senhor doutour poderia, em forma de legado para obras pias, addicionar as licitas economias realizadas durante o tempo em que, por favor do Capitão-Mór e unanime indifferença dos povos da colonia, habitou *gratis* na secretaria da policia, com sua familia, parentes, adherentes, paraguayos e paraguayas, para mór gloria da Capitania e da *arcore das parasitas*; quem sabe, repletimos, se com uma subscripçãozinha entre *beatos*, e o seu supposto legado, conseguiríamos ver o seu *glorioso* nome figurar no alto da 1.^a columna da 1.^a pagina do *Matto-Grosso*,—sob a epigrapha—ALMANAK?—

Feja o doutour como seria soberbo:—

10 A QUARTA FEIRA DE TREVAS.

S. MILCIADES PEDRA,—um individuo martyr (sol em *Scorpião*).

13 SABBADO DE ALLELUIA. S. Victor M. Port. O MARTYROLOGIO DE S. MILCIADES PEDRA.

Officio na cathedra de Cuyabá com assistencia do Vereador Pedrosa—em effigie. (Sol em qual-quer parte e a lua tambem.)

Que effeito, eim, doutour? Que prodigioso effeito!

Mas não percamos tempo, nem espago, que o *pasquin* não o tem quanto fora-lhe mister para cantar em proza ou verso as proezas de vossa fazanhuda senhoria.

Ao *Iniciador*, ao *Iniciador*.

Aqui tem o doutour o n. 188. de 8 Fevereiro, 1.^a pagina, 1.^a columna, 1.^a linha do artigo de fundo—Seguranca individual (não é a sua).

Antes de transcrevê-lo, consigamos aqui um reparo.—é que o *Iniciador* só trata de vossa senhoria, em artigo de fundo. Será por causa do contraste, quer dizer, por estar elle crente de que vossa senhoria não tem fundo algum?—

Leiamos:

«Ainda ha pouco tempo, lamentamos a falta de seguranca individual e de propriedade que trazia amedrontados os habitantes do interior da provincia, e reclamava um Chefe de Policia q' estivesse na altura das providencias q' se tornam necessarias para garantir a nossa agricultura de um descalabro completo.»

Este nosso collega tem um modo delicado de dizer coisas *adstringentes*, que é mesmo um gosto lê-lo—e dous—analysar o que se lê.

O Dr. (1) Pedra não está na altura das providencias etc.—

Esta bomba, em linguagem vulgar traduz-se d'este modo simplissimo e exactissimo:—o individuo Pedra está abaixo do cargo á que louca e desastrosamente o elevaram:—mas

que o conheciam por terem-n'o examinado com o microscopio,—outros que, precisavam do lugar que vossa senhoria *enchia* para dá-lo a alguém, que, seja dito em honra á verdade, é muito, oh! muito mais digno de exercê-lo, infinitamente mais digno (vossa senhoria conhece perfeitamente esta historia da Comarca de S. Luiz de Cáceres—e já a conhecia quando aceitou o ex-sobrado da policia).

Quanto á nós, saberá vossa senhoria, que é nossa opinião, que a maior altura á que o doutour pode attingir é a do dito ex-sobrado, que os cofres publicos tinham a suprema dita de pagar para vossa senhoria n'elle residir com etc.

E cremos que esta é justamente a opinião do collega do *Iniciador*.

O que ha é que o nosso collega gosta de fazer estylo—redondo, envolve-se em fibres de rhetorica—e nós somos brusco quando temos de arrançar cabeleiras, deitar mascaras abaixo, em uma palavra, dar ao pavão o que é do pavão e á gralha o que é da gralha.

O povo é perfeitamente como nós.

Se o doutour soubesse o que o povo pensa hoje em dia á seu respeito... com certeza se deixaria dos passeios vespertinos á sombra do braço protector do *amigo*, e iria acotear-se á *poetica* margem da *poetica* Prainha e scismar... sobre a rocha Tarpeia.

Pobre, senhor doutour!...

Creia que não podemos encarar-lo, (e bem sabe que o encaramos apesar dos olhos de Meduza com que nos dá), sem que nos venha á memoria aquelle — «*Campes ubi Troja fuit.*» do Cysne de Mantua.

Tanto *time*, tanta *perspicacia*, e hoje... tanto zero!...

Oh doutour, temos o coração tão estrangulado por estas reflexões que somos forçados a deixar para o outro numero a continuação da palestra.

Dizemos—ficará para o outro numero—se assim o quizer o *amigo* da mascara... o doutour sabe, o tal personagem é Radcliff que á noite nos ronda a casa, na persuasão talvez de que somos de mais n'este mundo onde vossa senhoria já é de menos.

É a proposito:

Este homem de mascara é mais as suas *romanticas* (romantismo da eschola antiga) tenções, trazem-nos á memoria um caso original, passado segundo nos contaram em uma das republicas de Prata, não sabemos qual.

É um caso simples.

Um vulto mascarado assalta á noite a casa em que res'dia, apenas com sua filha unica, um negociante bastante rico.

O mascarado mata o pai e é morto pela filha, que—sabe horrorizada em busca da autoridade policial do lugar, para dar-lhe parte do sucedido.

A autoridade não foi encontrada em parte alguma,—avista de que, acompanhada por muitas pessoas que a tinham ajudado na sua pesquisa, voltou a poltre filha para o theatro d'aquella scena de sangue.

Ahi chegados trataram de tirar a mascara ao assassino e... oh! caso um-

ca visto!...—ô assassino era a propria autoridade policial!....

Isto é apenas um facto original. Se o redactor do Povo, cair atravessado por uma balla ou por duas ou tres facadas, temos certeza de que o individuo Pedra, lá estará, no ex-sobrado da policia, para executar a Lei e fazer justiça—como só elle o comprehendendo e é de tanto capaz.

Doutour—atê á vista,—ou até á eternidade.

SECÇÃO LIVRE

As messalinas.

(Continuação do n. 12.)

Satisfazendo o compromisso que no numero passado contrahimos para com os nossos leitores, pretendemos hoje esboçar o primeiro typo das *messalinas*, que portanto tempo animarão a imprensa da Corte, a vista d'uma importante questão ali suscitada.

Dirigimo-nos especialmente a vós, ó *sabios legisladores* da terra, q' tentando neutralisar as leis mais justas e naturaes, quizestes occultar aos olhares sensaes dos cynicos Lovelaces, sob o candido véo da pudicia, os seios voluptuosos—das provocantes Imperias.

Esquecesteis que a môr causa d'esse crime, que ha tão pouco tempo tão seriamente discutistes e condemnastes, é em parte devida a crassa ignorancia das vossas leis, dictadas innumeradas vezes por consciencias não aprofundadas no estudo das diversas camadas que formo essa gigante—ca entidade, que pretendeis governar ou por outra, reportar aos dictames da vossa intelligencia, que quasi sempre abafou os clamores do vosso coração, quando elle tendia-se bem que raras vezes, estabelecer o bem da grande familia—da humanidade?

Pois bem: responder-nos.

Porque vestis com as roupagens do sophisma a vossa legislação, sempre prompta a fazer tombar sob o entello a veneranda cabeça de Job, emquanto que bastante activa deixa erguer-se a do invejado—Cresus?

Porque ao regaço da mulher que pranteia a deshonra—que a impurifica para sempre, lançais em paga um punhado do ouro arrancado dos coíres inextinguíveis do seductor millionario?

Respondi-nos! Ah! não podeis fazel-o.

Permitti, pois, que vos digamos, desculpando-nos a rudez da linguagem, que ao que professais não é a justiça que busca desvassar as trevas do vicio para extirpal-o, nem investigar e deduzir o crime para condemnal-o.

No entanto vede... lá passa uma mulher.

Leca apôz si o fausto que a aculta,—leubrança esplandente do crime,—e a desgraça d'aquelles que dobrão se offuscadas pelo brilho d'aquella formozara mundana.

Aquello sorr so que vódes entrar abrir aquelles labios é a seta leuada—que

vae ferir um coração e lançal-o n'essa luta dos mais intimos sentimentos cuja victoria pertencerá a Lucifer—a mais completa personificação do mal!

Quereis ver então como d'um sorriso ou d'um olhar, podem nascer a desgraça ou a miséria, o vicio ou o crime? Lêde.

(Continúa.)

Cuyabá, 24 de Abril de 1879.

Jansen Tavares.

A pedido



Eu venho hoje com a alma enternecida derramar uma lagrima de saudade, sobre o tumulo do meu amigo.

Deo a alma ao Creador no dia 6 do corrente, o jovem Antonio Thomaz de Miranda Leque.

Na mais florida idade dos 20 annos, aprouve á Deus chamal-o para si, roubando-o mysteriosamente, d'aquelles para quem era elle a unica esperança e dos seus amigos e collegas que sentirão, emquanto neste mundo, a falta do amigo sincero e companheiro leal.

Era muito moço, mas bastante intelligente para comprehendere o mundo, conduzindo-se nelle dignamente e tornando-se na sociedade um ente util e esperancoso pelas suas idéas, virtudes e nobreza d'alma.

O finado era a perola por todos nós desejada, que, como a estrella no occaso, mergulhou no grande Oceano, escapando—se das nossas mãos.

Morreu!... a palavra vae e desaparece no espaço, como as phalenas escondendo-se na solidão das trevas!

Morreu!...

Vós que habitaes a mansão celestial, rogai ao Todo Poderoso pela consolção e conservação de seus idolatrados pais, em honra, ao menos, a memoria do filho obdiente e carinhoso, cuja perda tão cruelmente hoje choram.

9 de Abril de 1879.

A. F. Azeredo.

A sociedade dramatica particular AMOR A ARTE, inapellida por um dever de gratidão, vai patentear, com um espectáculo a beneficio, os inquestionaveis serviços á mesma prestados, pela talentosa jovem, a Exm.^a Sr.^a D. Corcina Honorina Peixoto Pitagoga, principal ornamento do Corpo scenico d'essa Sociedade.

Seremos contentes e esquecemos até os nossos sacrificios,

como socios prestantes companheiros da beneficiada, se virmos demonstrado praticamente que, aos nossos alliao-se os mesmos sentimentos de gratidão de todos os nossos consocios, sentimentos que honrão, poisque só se aninão em corações bem formados e que sabem remunerar a quem espontaneamente coopera para a conservação da idéa a que nos propozemos—da creação d'uma sociedade dramatica, q' dispensasse ás nossas familias, entretenimentos tão agradaveis como instructivos.

A jovem, á quem tanto deve a sociedade, não pedio recompensa alguma aos serviços que tem prestado.

A Directoria cheia de verdadeiro reconhecimento, deliberou offer-tar-lhe este beneficio, pequena, porem expontanea prova de gratidão e de homenagem ao merito de tão distincta e intelligente quam modesta jovem.

Um socio scenico,

O Thesoureiro da Irmandade do Santissimo Sacramento, abaixo assignado, convida ao Provedor, ex-Provedor e aos irmãos á comparecerem no consistorio da mesma irmandade no dia 1.^o de Maio proximo, ás 10 horas da manhã, afim de assistirem á posse dos novos eleitos.

Cuyabá 24 de Abril de 1879.

Nuno A. Monteiro de Montanha.

Annuncio

ENGENHO DE FORTES

á margem do Coxypô-Guassú, districto da Guia. Apenas distante d'esta capital 7 leguas. Engenho de cylindros. Agua encanada para o serviço do alambique. Grandes cannaviaes—lido em abundancia. Boas casas.

Um dos melhores sitios de Serra abaixo.

A venda—com os escravos ou sem elles

Para tratar, com o proprietario, o Sr. Tenente-Coronel Antonio Cezário de Figueiredo.

Typ. do Povo, á rua do Burão do Molgado, casa n. 39.